

Bom dia a todos.

Quero, antes de mais, agradecer o convite que me foi formulado pela direcção dos Encontros AlCultur e pelo Rui Horta para integrar este grupo de trabalho e felicitar a organização pela iniciativa de mais uma edição dos encontros que, ao longo dos anos, se têm revelado fundamentais no debate de ideias para a cultura em Portugal.

O Santo Agostinho dizia que só sabia o que era o Tempo quando ninguém lhe perguntava. Sinto o mesmo tipo de dilema quando me perguntam o que é programar.

Posso dizer que há 13 anos, quando iniciei esta profissão, apanhei o susto da minha vida. Habituada a uma actividade intensa como intérprete, muito centrada sobre mim própria, onde o isolamento e até um certo autismo são necessidades inerentes ao desenvolvimento técnico e artístico do intérprete, deparei-me com um tipo de responsabilidades direccionadas para o outro, para o exterior, e por isso, na minha opinião, bem mais complexas e difíceis de gerir.

Hoje, sei que esse susto nunca mais passa e, de certa forma, ainda bem que assim é. Julgo que podemos mesmo relacionar o medo do artista ao entrar no palco com o que o programador sente quando entra na plateia ou assume uma programação.

De facto a tarefa do programador é sempre delicada e penso que a problemática é muito semelhante quer ele se encontre num centro cultural de uma grande cidade, quer se encontre num pequeno teatro de província.

O responsável por um programa cultural no seu relacionamento com a administração, seja ela pública ou privada, com os artistas, com os públicos, com a obra de arte ou actividade cultural em si mesma, com os seus parceiros, com os seus pares,

é uma espécie de malabarista que, a todo o custo, deve manipular os seus malabares para que ganhem movimento e se cruzem, mas sem nunca se abalroarem.

Difícil é, então, gerir esta multiplicidade de desejos e interesses resistindo sempre à satisfação de clientelas, ao populismo, aos êxitos fáceis e sem risco, fomentando por seu turno uma actividade coerente e consequente no apoio ao surgimento de vários públicos, socialmente empenhada, artística e culturalmente relevante.

Em linhas muito gerais, diria que no CCB existem dois grandes eixos de programação delineados pela actual administração: o da programação internacional e o da programação nacional. Estes dois eixos são, naturalmente, tratados de maneiras diferentes.

Quanto ao eixo internacional a intenção é tão simples quanto a de constituir, em todas as áreas, uma programação contemporânea de altíssima qualidade.

Entrar numa rede de co-produções estrangeiras sempre foi um objectivo do CCB, nem sempre fácil de concretizar. Felizmente, isso é hoje possível graças ao projecto europeu Prospero, do qual fazemos parte juntamente com o Théâtre National de Bretagne (Rennes – França), o Théâtre de la Place (Liège – Bélgica), a Schaubühne (Berlim – Alemanha) e o Tutkivan Teatterityön Keskus (Tamper – Finlândia).

Assim, nesta temporada, o CCB é co-produtor de obras de encenadores como Thomas Ostermeyer, Alvis Hermanis e Pipo Delbono. A entrada neste circuito de co-produções estrangeiras gera uma dinâmica que inclui também co-produções de trabalhos nacionais. É assim que, no âmbito deste programa, os Praga e o Circolando vão estreiar as suas novas obras e as vão poder mostrar nos teatros que fazem parte deste projecto.

É ainda no contexto da programação estrangeira que o CCB mais colabora com os seus pares em Lisboa, e um pouco por

todo o país. Daria o exemplo do Ciclo Meg Stuart que realizámos em parceria com a Culturgest e o Teatro Camões e o Festival Pina Bausch entre o Teatro S.Luiz e o CCB.

Não raro, colaboramos com vários teatros do país na co-apresentação de espectáculos estrangeiros. Este tipo de colaboração, muito embora desejável pela redução de custos que proporciona, é sempre extremamente difícil. De facto, temo-nos deparado com grandes dificuldades no que diz respeito aos *timings* de programação, talvez porque os orçamentos da generalidade dos teatros do país não permitem programações a um ou dois anos de distância inviabilizando, muitas vezes, esta colaboração.

Quanto à programação nacional diria que aquilo que existe é um conjunto de pequenas estratégias que se vão adaptando às realidades dos vários sectores artísticos.

Neste momento, e só a título de exemplo, posso referir algumas dessas estratégias. Mais tarde, se assim desejarem, podemos falar mais detalhadamente sobre elas.

Assim, uma dessas estratégias passa, naturalmente, pela co-produção de espectáculos sendo que o CCB é, neste momento, co-produtor de cerca de 90% da totalidade de espectáculos nacionais que apresenta.

O Divino Sospino, a Orquestra de Câmara Portuguesa e a Orchestrutopica são orquestras em residência no CCB. Este estatuto permite garantir a estas formações um relacionamento especial com a casa, o acesso privilegiado a espaços de ensaio, um tratamento específico na divulgação dos seus trabalhos e garante, sobretudo, uma presença pontuada dessas formações ao longo de toda a temporada.

Esta programação, delineada a um ano, ou talvez mais, é naturalmente favorável a ambas as partes. Para as formações, que vêm o seu trabalho projectado com grande antecedência e para o CCB, não só pela qualidade dos grupos em causa, como pela facilidade de articulação dos conteúdos de programação.

Outra dessas estratégias prende-se com a adopção do conceito de artista ou companhia associada das temporadas que lhes garante a presença no CCB, de uma forma bastante mais sustentada.

Na área da ópera, por exemplo, foi feito um protocolo com um grupo de música antiga: Os Músicos do Tejo, onde ambas as partes se comprometem com a apresentação de duas óperas barrocas, de pequeno formato, por temporada.

Ainda na área da música, os protocolos com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Orquestra Metropolitana de Lisboa, que se apresentam regularmente no CCB não como uma simples ocupação de espaço, mas com uma programação tematicamente coordenada com a nossa.

A colaboração com os festivais, como é o caso do Temps d'Images, Alcantara, Almada, Música Viva, Festas da Cidade, etc., é outra dessas estratégias que visa a colaboração entre instituições.

No âmbito do incentivo à criação contemporânea, existem projectos como a Box Nova, direccionado para a área da dança, ou o novo Belém Urbana dirigido às artes de rua e espaços não convencionais.

Muito rapidamente posso ainda mencionar outras estratégias como a da programação temática ou por ciclos, a inclusão da literatura na programação, ciclos de cinema e os grandes eventos como Os Dias da Música, o Dia da Poesia, o festival de Verão: CCB fora de si, a Lisbon Jazz Summer School e a Música Portuguesa Hoje.

Voltando à função do programador, diria que uma programação consensual é impossível e parece-me mesmo indesejável. De facto, o que existe é sempre o seu contrário: uma programação

que toca só uns determinados públicos e dá voz só a alguns artistas. Ao programador resta-lhe, assim, e a todo o momento, escolher em consciência os caminhos que percorre.

Lagos, 5 de Março de 2009
Luísa Taveira